



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GREVE VITORIOSA
DOS TRABALHADORES DA CÂMARA DE VIANA DO CASTELO

Pelo a Câmara Municipal não lhes pagasse as «férias» de 2 semanas 30 trabalhadores resolveram fazer greve. Apesar da PIDE correr imediatamente a Viana do Castelo e interrogar e ameaçar os trabalhadores estes mantiveram-se 4 dias em greve e venceram.

Alguns dias depois (a 2 de Janeiro) foi afixado um decreto camarário estipulando que apenas seriam admitidos ao serviço os que tivessem o exame de 3.ª classe e considerando os restantes despedidos. Os operários os sentiram-se atingidos de novo recorreram à greve. No dia seguinte o decreto foi suspenso.

A unidade e firmeza trouxe a vitória aos trabalhadores da Câmara de Viana do Castelo.

UNIDADE PARA AFASTAR SALAZAR DO PODER
E PARA CONQUISTAR A DEMOCRACIA

A situação aguda em que se encontra o nosso País, ao cabo de 32 anos de regime fascista, coloca inadiavelmente perante a Nação o problema do afastamento de Salazar do Poder pois Salazar é o obstáculo maior ao progresso e à pacificação da vida nacional.

O afastamento de Salazar corresponde à vontade das mais amplas camadas do nosso povo, daqueles que mais têm sofrido as consequências da sua nefasta política — os trabalhadores e a pequena e média burguesia da cidade e do campo — e também ao desejo de largos sectores doutras camadas da burguesia nacional que compreendem cada vez mais ser necessário abrir novos rumos à vida do País.

Nas próprias fileiras do regime não cada vez mais numerosos os homens cientes de que a continuação do seu apoio a Salazar prolongaria o indizível suplício da Pátria e constituiria para eles um verdadeiro suicídio político. E por isso o abandonam.

O chamado «render da guarda», termo pomposo que os fascistas agora utilizam para explicar as substituições massivas nos quadros do regime é um puro disfarce para camuflar verdadeiras defeições.

Para o «render da guarda» Salazar não encontra já senão personalidades de segunda e terceira plana, fascistas empedrados ou polícias como o novo comandante da P.S.P. que em 1932, como simples agente da famigerada Polícia de Informação, assaltava casas de patriotas e participava nas torturas aos presos políticos. Cerca de 27 personalidades recusaram o cargo de ministro do Interior e outros cargos de responsabilidade têm sido difíceis de preencher. Um dos governadores civis agora demissionários dizia mesmo que dentro da própria «União Nacional» Salazar «era hoje tão odiado quanto

outrora fora amado».

Tudo isto nos mostra que a decomposição do regime salazarista é um fenómeno inevitável e irreversível que nenhuma força pode impedir.

O afastamento de Salazar é inevitável.

Salazar deve e pode ser afastado do poder.

Essa é a vontade da Nação. Essa é a condição essencial imediata para o restabelecimento imediato da legalidade e da concórdia nacional e para arrancar ao nosso País do atraso a que o condenou a negra dominação do fascismo salazarista.

O afastamento de Salazar é, pois, um ponto que encontra a unanimidade de todos os portugueses conscientes dos interesses do seu País, um ponto de convergência política das diversas correntes da Oposição.

Por uma oposição unida
e coesa

As forças anti-salazaristas deram no decurso do último ano e continuam dando belas provas de combatividade e de unidade de acção contra a política de Salazar. Passos decisivos foram dados para uma coesão verdadeiramente nacional em torno de objectivos mínimos comuns.

E, porém, natural que, dadas as diferenças ideológicas e de concepção política existentes entre os diversos sectores da oposição a Salazar cada uma possua ideias próprias sobre o caminho imediato a seguir, sobre as forças em que é necessário apoiar-se e ainda sobre as formas e objectivos da luta.

Por isso mesmo é necessário uma certa unidade de vistas sobre algumas questões cardiais do momento. Uma tal unidade de vistas facilitará uma clara visão das excep-

cionais perspectivas que se abrem diante do nosso povo e afastará elementos de dispersão lá onde a unidade de pensamento e de acção é uma condição necessária de vitória.

A oposição anti-salazarista será verdadeiramente invencível se estiver unida e coesa. Partamos da convicção que no momento presente nenhuma força oposicionista está em condições, sozinha, de remover Salazar do poder e de que nenhuma pode pretender impor às outras as suas próprias concepções políticas e ideológicas.

É incontestável que o regime salazarista está cada vez mais fraco e falho de perspectivas mas ele é ainda suficientemente forte para derrotar as forças oposicionistas se estas se aventurarem dispersas e isoladamente num combale frontal.

Quer dizer, a dispersão e acção isolada seriam altamente perigosas para as forças oposicionistas; pelo contrário, a sua unidade e coesão seriam mortais para o regime salazarista.

A constatação deste facto deve levar cada partido e agrupamento político da oposição a confrontarem rapidamente as suas ideias e concepções afim de encontrarem, com urgência que a situação nacional reclama, uma expressão comum que permita mobilizar e conjugar numa só direcção todos os esforços e acções do nosso povo.

É coerente com estes princípios

que o Partido Comunista vem mais uma vez perante o povo português e os restantes partidos e agrupamentos da oposição expor as suas ideias acerca da situação actual e das formas de a resolver afim de as submeter a uma útil confrontação, essencial para adopção dum pensamento comum.

Salazar não sai por si
— é preciso empurrá-lo

Em primeiro lugar, pensa o Partido Comunista Português que é altamente prejudicial aos interesses do nosso povo a ideia de que serão os próprios salazaristas quem desembrasarão o País de Salazar.

Esta ideia falsa está-se insinuando por certas forças monopolistas que até há pouco se serviram de Salazar e o sustentaram no poder e que, hoje, perante a inevitabilidade da sua expulsão, procuram conservar as suas posições políticas e económicas.

O engenheiro Daniel Barbosa, que todavia tem expresso nos últimos tempos a sua discordância com certos aspectos da política económica do governo, vai mesmo ao ponto de preconizar e sugerir que seja o próprio Salazar a tomar a iniciativa da retirada até a nomear o seu sucessor (!...).

Tais forças acalentam a esperança de promover a substituição de Salazar por meios doces, sem grandes

(continua na 2.ª pág.)

O AUMENTO GERAL DE SALÁRIOS
É UMA REIVINDICAÇÃO NACIONAL

Salazar tem dito que se opõe a um aumento geral de salários porque este acarretaria um imediato aumento do custo de vida.

Mas o que vemos nós?

Vemos que é o próprio governo, apesar de todas as promessas em contrário, autoriza e preconiza o aumento de certos produtos: primeiro foi o gásóleo, agora a carne, conforme foi resolvido em Évora na reunião dos comerciantes de carnes com os representantes da Junta dos Produtos pecuários, aumento que aliás cada português constata.

Vemos que é o próprio governo que provoca necessariamente esta alta anunciando o aumento para 1959 dos impostos e taxas em cerca de meio milhão de contos.

Vemos ainda que todos os dias os preços sobem em consequência de toda esta política do governo que faz desabar sobre os pequenos e médios industriais, comerciantes e agricultores a responsabilidade deste estado de coisas que cabe afinal em grande parte à sua organização corporativa com as suas taxas

inúmeras e aos grandes intermediários que actuam a coberto dela, os quais encarecem os produtos que sendo pagos aos produtores a preço por vezes não compensadores são vendidos ao consumidor a preços elevados.

Conclui-se pois que Salazar coloca daquela forma o problema dos salários por dois motivos: porque não quer reduzir nem um tostão os lucros dos monopólios e porque quer travar a luta dos trabalhadores por melhores ganhos.

O que representaria de benefício para toda a economia nacional, particularmente para a pequena e média indústria, comércio e agricultores, uma subida geral de salários, jornais e ordenados é fácil de compreender se nos lembrarmos que o poder de compra das massas populares aumentaria imediatamente.

A luta trará a vitória

É verdade que o governo aumentou ainda recentemente o seu funcionalismo. Mas isso deveu-se às

(continua na 6.ª pág.)

VITÓRIAS DA LUTA DOS ESTIVADORES
do Porto, Leixões e Lisboa

Mantendo a sua unidade e firmeza na luta, conforme o «Avante!» indicava no seu último número, os estivadores do Porto e Leixões acabam de conquistar uma primeira vitória: o aumento de salário de 40\$000 para \$60\$000 pago pelas empresas estrangeiras.

São as empresas nacionais (C. Nacional de Navegação, C. Colonial de Navegação, Açoriana e CUF) não pagam ainda os \$6\$000. Porém numa reunião dos estivadores com representantes do patronato e do Sindicato na sede deste a 16-1 ficaram assente que tal pagamento seria feito por TODAS as companhias (nacionais e estrangeiras) a partir de 19 de Fevereiro.

Esta vitória dos estivadores do Porto e Leixões é um poderoso factor que os animará a prosseguir na luta até à vitória total. Ele é também um belo exemplo para os estivadores dos outros portos do País. EM LISBOA após prolongada luta junto da União dos Sindicatos dos estivadores da letra A (que só trabalham quando faltam os efectivos ou há muito trabalho) conseguiram a passagem da grande maioria a categoria de efectivos.

UNIDADE PARA AFASTAR SALAZAR DO PODER

(continuação da 1.ª pá.)

extremesções, afim de preservarem o mais possível as instituições do regime. Quer dizer, desejaríamos uma espécie de salazarismo sem Salazar...

A propagação destas ideias exerce por vezes uma acção paralizante em certos sectores oposicionistas que preconizam uma atitude de expectativa ante o desagregar do regime. Em certos meios da oposição advoga-se uma acção, não aberta, organizada, combativa, mas qualquer coisa de difuso que actue principalmente na desagregação por dentro do salazarismo.

Esta tendência é alimentada pela ideia de que a decomposição do regime salazarista e o seu crescente debilitamento são uma consequência exclusiva do choque das suas contradições internas.

Sem dúvida que as contradições internas do salazarismo influem também na decomposição do regime. Mas elas não são a causa mas sim um dos efeitos do principal factor que está a decompôr o regime e a apressar a sua completa desagregação—a luta do nosso povo.

O principal elemento de decomposição do regime salazarista foi e é a luta do nosso povo pelo Pão, pela Paz, pela Democracia e pela Independência nacional.

Foram os militares de base reivindicando políticas e económicas imediatas do nosso povo, foram as greves, paralizações e acções de vários tipos levadas a cabo pela classe operária portuguesa; foram as manifestações e concentrações de centenas de milhares de portugueses de todas as condições sociais; foram as acções várias contra a repressão, pela amnistia, contra a censura, pelos direitos dos jovens operários e estudantes, pela cultura, pela dignificação profissional e outras; foram as lutas de centenas de soldados, sargentos e oficiais contra as expedições para Goa, contra o mau rancho e o baixo preço das liberdades democráticas; foram o enorme desejo de paz do nosso povo expresso nas grandes lutas contra o Pacto do Atlântico e a política de guerra do governo salazarista, foram todas estas lutas, grandes e pequenas contra a política anti-nacional de Salazar que, aliadas a uma situação internacional desfavorável ao imperialismo e ao fascismo, minaram os alicerces do regime e debilitaram as suas fileiras.

Foi principalmente, porque as forças anti-salazaristas, com uma justa visão da correlação de forças, souberam no momento próprio mobilizar e organizar milhões de portugueses nas infindáveis jornadas eleitorais do ano transacto.

A luta e só a luta permitiu conquistar posições determinantes no marche dos acontecimentos nacionais, só ela agudizou as contradições internas do regime salazarista e cavou mais ainda o abismo entre Salazar e a Nação.

Este facto, muito importante, deve ser retido não sómente pelas massas populares, em especial a classe operária, a quem cabe o principal papel na solução da crise, como pelas diversas correntes anti-salazaristas, que não deixaram certamente de definir neste momento,

com a clareza e a urgência que a situação nacional exige, a orientação e as formas de luta que é necessário pôr em prática para se conseguir o desejado afastamento de Salazar do poder.

Uma certeza, porém, se impõe que reafirmemos no espírito de todo o nosso povo—a de que Salazar não sairá por sua livre vontade e iniciativa, é preciso empurrá-lo. Empurrá-lo pela luta firme, organizada, combativa das massas populares.

As forças armadas devem pôr-se ao lado do povo para expulsar Salazar do poder

Em segundo lugar, o Partido Comunista Português pensa que o afastamento de Salazar deve ser o resultado da acção conjugada de todos os portugueses civis e militares.

Alguns sectores da oposição defendem a ideia de que uma acção exclusivamente militar é a forma mais conveniente de arrear Salazar do poder.

O Partido Comunista Português nada tem a objectar contra a participação dos militares na luta anti-salazarista. Pelo contrário, a sua participação numa larga frente de luta contra Salazar é indispensável.

Salazar sempre se apoiou nas forças armadas para subjugar o povo e estas foram até agora um dos esteios do seu regime. Da importância de atrair e organizar estas forças, de as fazer contribuir para a solução do problema político nacional.

Mas uma acção exclusivamente militar não pode solucionar a situação no sentido mais conveniente para a Nação. O golpe militar, por essência, descarta as massas da solução dos seus problemas vitais e gera uma expectativa paralizante e nas forças anti-salazaristas e nas massas. Além de que, nas presentes circunstâncias, uma solução exclusivamente militar não seria a solução democrática que o nosso povo tem lutado.

Sem falar, claro está, nos inúmeros golpes preparados e falhados ao longo destes 32 anos de fascismo e que sempre serviram ao salazarismo para assegurar por sua vez sérios golpes nas forças anti-salazaristas.

A acção militar deve integrar-se na movimentação geral da Nação em estreita unidade com todas as forças e af servir os interesses vitais do povo.

És porque o Partido Comunista Português preconiza a coordenação das lutas civis e militares e a sua conjugação para se alcançar o objectivo imediato da luta nacional anti-salazarista.

A solução pacífica não é uma acção passiva

Em terceiro lugar, o Partido Comunista Português reafirma de novo que é possível solucionar o problema político nacional por meios pacíficos.

A solução pacífica do problema político português, o afastamento de Salazar do Poder sem recurso à guerra civil, são as formas que neste momento menos sofrimentos e danos trarão ao nosso povo.

O nosso povo tem tentado momentaneamente pacificar a situação nacional, tem desenvolvido amplas lutas de carácter pacífico para resolver os seus agudos problemas.

É Salazar quem empurra o País para a violência e a guerra civil. Todas as modificações que se operam no regime, todos os actos do governo, toda a brutal repressão desencadeada por Salazar, lutam à violência e não à paz.

O nosso povo pode ser obrigado a responder à força com a força e à violência com a violência. Mas a tremenda responsabilidade, dum tal saída cairia inteiramente sobre Salazar e os que o apoiassem num tal caminho.

Presentemente não podem considerar-se esgotadas as possibilidades de solucionar pacificamente a solução nacional. Ao contrário, as grandiosas lutas já travadas tornaram-na ainda mais próxima e viável.

Bastará que o nosso povo se lance deliberadamente em novas e mais amplas jornadas de luta para que Salazar se sinta impotente para empurrar o País para a guerra civil e seja obrigado a curvar-se ante a vontade da Nação.

Entretanto a solução pacífica que o Partido Comunista Português preconiza não é de forma alguma uma acção passiva. Pelo contrário, será um verdadeiro levantamento nacional de carácter pacífico, será uma luta generalizada de toda a Nação que culminará em formas de luta aberta contra o salazarismo as quais poderão assumir o carácter de greves gerais políticas.

Este levantamento nacional por meios pacíficos não cairá, porém, miraculosamente do céu. Tem de ser preparado e activado por todas as formas e em várias frentes. Será na luta diária pelas reivindicações económicas e políticas do nosso povo, será na sua crescente amplitude, unificação e combatividade, será finalmente na preparação duma grande jornada nacional de protesto e de luta, compreendida a greve geral política, que uma tal solução será viável. Este é o levantamento nacional de carácter pacífico que o Partido Comunista Português preconiza.

Isto implica desde já a continuação e a activação imediatas de todas as lutas populares:

- a) Luta pelo aumento geral imediato de salários, jornaes, ordenados e vencimentos e contra o desemprego, luta que já está obtendo êxitos importantes em várias empresas, localidades e classes;
- b) Luta por eleições sindicais honestas;
- c) Luta por um recenseamento eleitoral, mesmo nos moldes da actual Constituição;
- d) Luta pela realização das eleições para as Juntas de Freguesia e pela participação nêlas das forças oposicionistas;
- e) Luta contra a repressão e pela Amnistia política;
- f) Luta contra a censura;
- g) Luta contra o estabelecimento de bases estrangeiras em Portugal;
- h) Luta contra os impostos e contribuições injustas;
- i) Luta contra a desercção da nossa economia externa, as lutas juvenis, militares, etc, todas as lutas contra a criminalidade política de Salazar.

Estas lutas acarretariam rapidamente a desorganização do aparelho estatal fascista e garantiriam a realização e a vitória duma grande jornada nacional para o afastamento de Salazar.

Para que é preciso afastar Salazar?

Em quarto lugar, pensa o Partido Comunista Português que devem definir-se os objectivos imediatos da luta anti-salazarista, após a saída de Salazar do poder.

O que é que Salazar impede à frente do governo? Para que é preciso que ele saia do poder?

O nosso povo quer a saída de Salazar porque ele obstaculiza a realização das suas aspirações mais sentidas. Estas aspirações estão, aliás, consubstanciadas nos programas eleitorais dos dois candidatos da Oposição às eleições presidenciais, General Humberto Delgado e Dr. Artur de Sá, e no «Comunicado Conjunto» das duas Candidaturas, de 30 de Maio de 1958.

O nosso povo quer a saída imediata de Salazar para que se promova:

- a) — A elevação do nível de vida do povo português;
- b) — A defesa da economia nacional e combate aos monopólios;
- c) — Uma política independente e de boas relações económicas, culturais e diplomáticas com todos os países;
- d) — Uma amnistia política total;
- e) — Restabelecimento das Liberdades Democráticas e, em particular, de imprensa; a abolição da censura e o direito de livre reunião e associação.

Isso implica que, após o afastamento de Salazar, seja formado um governo de ampla representação nacional, composto de portugueses honrados que se proponha realizar aquelas aspirações do povo.

O Partido Comunista Português apoiará condicionalmente um tal governo e mobilizará activamente o povo em seu apoio afim de o defender das investidas reacções que não deixarão de tentar tudo para o restabelecimento das suas posições.

Este programa de luta para o afastamento de Salazar do poder e para a satisfação das aspirações imediatas do nosso povo exige a estreita unidade de todas as forças democráticas e pacíficas do nosso País, de toda a Oposição anti-salazarista.

O Partido Comunista Português, como partido da classe operária portuguesa, trabalhará infatigavelmente pela unidade de todos os portugueses.

Ao mesmo tempo, o Partido Comunista Português apela para que todo o povo se una na luta sagrada contra Salazar e a sua camarilha.

**FORA COM SALAZAR!
UNIDOS PARA AFASTAR SALAZAR DO PODER E CONQUISTAR A DEMOCRACIA!**

Fevereiro de 1958

A Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português

A classe operária luta POR MELHORES SALÁRIOS



Alfredo Alves (Venda Nova) — Depois de uma concentração em 6 de Janeiro de praticamente TODOS os operários (mais de 200) na gerência para reclamarem melhores salários, esta aumentou de \$10 a \$30 por hora uma parte dos operários. Esta vitória dos metalúrgicos de Alfredo Alves, deve animá-los a continuar a luta pelo que é o desejo de todos: aumento geral.

A paralização de trabalho a 3-2 da secção de rebarbagem como protesto contra desarraio da ventoinha de absorção do pó e a vitória conseguida também nesta luta, mostra a disposição dos operários de defenderem unidos as suas reivindicações.

Pedreiras Parda Monteiro (Carrenque) — Os trabalhadores aqui lutam por melhores salários e pelo pagamento das horas extraordinárias com os 25%, que lei manda, por exposições, assinadas por quase todos os operários (cerca de 100) dirigidas ao Sindicato e à gerência da empresa e por concentração, junto desta, que só não resultou por hesitação da Comissão dos Trabalhadores ante as ameaças do patrão. Só a insistência na luta dará a vitória aos operários.

Companhia do Cobre (Porto)

LUTAS DOS MINEIROS

Os mineiros de Aljustrel resolveram avistar-se com o presidente do sindicato com o fim de tratarem do aumento de 1500 que a companhia tinha prometido a 1 de Janeiro de 1956 e que ainda não cumpriram. No dia 27 de Dezembro convocaram uma reunião no sindicato onde compareceram 600 operários para exporem o caso à direcção.

Como esta não estivesse convocaram nova reunião. Os operários enchiam a sala. Da rua ouviam-se gritos dizendo: «*Vamos todos ao director, e reclamar o aumento que nos foi prometido*», e exclamavam: «*Os senhores são os responsáveis pelo que possa suceder*». A comissão administrativa do Sindicato não atendeu os operários e procuraram amemorizá-los para que não continuassem a luta. Os trabalhadores resolveram enviar nova exposição à gerência, reclamando solução para o caso. Enquanto aguardam a resposta, que não foi dada ainda, os mineiros resolveram reduzir a produção, fazendo brigadas que tiram 2 vaguetas em vez de 10, e mais como era normal.

Como se constasse que o novo contrato feito há anos só prevê um aumento de 3500, representando mais 50 que o subsídio que recebem actualmente, uma comissão do Sindicato dos mineiros, avistou-se com a C.A. para dizer que só aceitariam novo contrato com a base de um aumento de 10500 e a revisão de categorias. Também nas minas de São Domingos os mineiros resolveram fazer o mesmo que os seus companheiros de Aljustrel.

Mineiros de Aljustrel, São Domingos e Lousal continuam a vossa luta e então vós conquistareis o aumento de salários e melhores condições de vida.

— Uma comissão de 3 operários foi já duas vezes em nome de todos à gerência para tratar dos problemas respeitantes ao horário de trabalho.

Pedreiras (Porto) — Continuam a lutar por aumento de salários (40%). Fiziram uma exposição pedindo a revisão do contrato colectivo, onde colocam algumas das suas reivindicações: fiscalização do trabalho de aprendizes para que não trabalhem mais do que as horas estabelecidas e que seja pago o que o contrato colectivo estipula e não menos como sucede actualmente.

Companhia Colonial de Navegação (Lisboa) — 300 operários (quase todos) pediram recentemente aumento de salários.

Carris (Porto) — Após longa luta junto da Câmara, e sindicato os empregados dos transportes colectivos do Porto conquistaram finalmente aumento de salários.

Estaleiros (Viana do Castelo) — Em fins de Dezembro 2 operários de cada secção (excepto caldeiraria) foram junto dos mestres reclamar aumento geral de salários e alguns dias depois receberam a resposta de que o Sr. Administrador «*iria resolver o assunto*». É porém mais do que certo que se os operários não voltarem a insistir no seu pedido este ficará adiado para o dia de St. Nunça.

Fábrica de Papel (Abelheira) — A Comissão dos operários tem lutado junto do patrão e do seu sindicato por aumento de salários mas ainda não foram atendidos. Só com o apoio dos restantes trabalhadores em concentrações na empresa e no Sindicato e outras formas de acção (redução da produção, paralização, etc.) que os operários da Abelheira verão suas reclamações satisfeitas.

Secil (Setúbal) — Em consequên-

Os trabalhadores portugueses

EXIGEM

A libertação de Álvaro Cunhal
e de todos os presos políticos!

Lutas camponesas

Baleizão — Encontram-se desempregados nesta região cerca de 200 trabalhadores, que não cessam de fazer concentrações junto da Casa do Povo, para exigir trabalho. Dr. Ferrão e Joel despediram vários trabalhadores. No dia 18 de Janeiro, 150 operários, dirigiram-se ao Posto da G.N.R. e pediram que lhes fosse dado trabalho. E as concentrações continuam junto da Casa do Povo e das autoridades.

As mulheres resolveram não trabalhar nas mondas por menos de 15500. Um rancho de 20 mulheres recusou-se a trabalhar por 10500.

Em toda a região já se monda por 11500.

Insistindo unidos e firmes na sua luta os camponeses de Baleizão (homens e mulheres) conquistarão melhores jornais.

RÁDIO MOSCOVO

Transmite diariamente para Portugal no horário das 21,30 das 22,30 horas, pelas ondas de 23,51 e 49 metros.

AS LEITEIRAS DO PORTO CONTRA OS MONOPÓLIOS

No mês de Dezembro as leiteiras do Porto dirigiram ao Secretário da Agricultura uma exposição em que pediam que não fosse aprovado o Contrato entre a Federação das Cooperativas de Vila do Conde e 2 empresas privadas que se iam constituir em monopólio para a distribuição de leite à cidade do Porto.

Como era de prever o governo nada fez para evitar esta situação que atraina para o desemprego alguns milhares de leiteiras (eram 4.500 e agora os jornais informam que andam na venda pouco mais de mil) e mais nos cofres deste monopólio uns bons milhares de contos, a custa do roubo que é feito às leiteiras: \$30 em cada litro.

No 1.º dia de venda pelo novo sistema as leiteiras protestaram nos postos de venda. A polícia e a PIDE intervieram violentamente, como por exemplo no de Ramada Alta e desde então está sempre um polícia nos postos, quando da entrega do leite às vendeiras.

Esta a forma como o governo responde às justas reclamações das leiteiras, que só unidas e organizadas poderão conquistar o que acaba de lhes ser roubado.

A JUVENTUDE UNE-SE E LUTA

OS ESTUDANTES DE COIMBRA CONTRA A REPRESSÃO

Foi preso pela Pide em Coimbra o quintanista de Medicina Maia, estudante nessa cidade muito conhecido e estimado. Imediatamente os seus colegas se começaram a movimentar em sua defesa, tendo-se realizado uma reunião das Repúblicas, donde partiu uma convocação da Assembleia Magna a que compareceram cerca de 300 estudantes. Mais tarde realizou-se nova Assembleia Magna com cerca de 700 estudantes, donde saíram telegramas para a Presidência da República, para o Presidente do Conselho e para o Ministro da Educação, em defesa do seu colega preso. Na primeira Assembleia foram denunciados os métodos criminosos da Pide e vaiado o nome do famigerado Sachetti, inspector em Coimbra. A Direcção da A.A.C., pressionada e apoiada pelos estudantes, dirigiu-se por carta ao Ministro do Interior, bem como às Associações de Estudantes de Lisboa para que prestassem solidariedade ao colega preso.

OS ESTUDANTES NOCTURNOS DAS ESCOLAS TÉCNICAS DE LISBOA LUTAM

A realização em meados de Dezembro do I Congresso Nacional do Ensino Técnico proporcionou aos jovens trabalhadores de Lisboa que estudam nos cursos nocturnos das Escolas Industriais e Comerciais o ensejo de levarem a cabo uma importante acção pela resolução de alguns dos seus problemas. Apesar de não ser permitida aos estudantes a participação no Congresso, os jovens operários e empregados alunos nocturnos das Escolas Técnicas, cujas condições de vida e de estudo são cheias de dificuldades e sacrifícios, enviaram ao Congresso uma representação, subscrita por 3.054 estudantes nocturnos de Lisboa e Barreiro, na qual expunham 7 reivindicações consideradas fun-

damentais: criação de cursos nocturnos no Instituto Industrial; equiparação aos alunos diurnos no ingresso dos cursos preparatórios; dispensa de exame de admissão aos Inst. Comercial e Industrial para os alunos que concluíam os preparatórios com média de 14; equiparação aos alunos dos Liceus nas condições de admissão aos Institutos; facilidades da parte do patronato para a frequência escolar; criação duma aula facultativa de Educação Física e reintegração da disciplina de Estenografia nos cursos comerciais.

— Na Escola Técnica Patrício Praxedes, de Lisboa, os estudantes dos cursos nocturnos foram surpreendidos ao pagar a 2.ª prestação das propinas com a exigência de mais 5500 para «*produtos estranhos no mobiliário*». Indignados com este verdadeiro roubo, que se vem somar a outras exigências igualmente arbitrárias, um grupo de cerca de 70 estudantes do curso nocturno escreveram ao «Diário Popular» a expor o assunto, aproveitando a ocasião para significar o seu desagrado por um Laboratório de Física, a cantina e a biblioteca da escola ainda não terem sido utilizadas este ano.

O «SAL» HÁ-DE DERRETER E O «AZAR» HÁ-DE ACABAR

No último tradicional «cortejo das latadas», em Coimbra, a Academia exprimiu mais uma vez, com o seu espírito habitual, a sua aversão pelo Estado Novo, empunhando vários cartazes com disticos comemorando os acontecimentos políticos nacionais e estrangeiros. Entre outros, podiam-se ler os seguintes: «*Team nacional: o internacional foi substituído e o deusa também, mas o seleccionador continua...*», «*A França está a seguir às nossas pisadas. É preciso avisá-la*», «*O António há-de morrer, a Oliveira há-de sear, o Sal há-de derreter, e o Azar há-de acabar*».

LUTAR PELA PAZ
É DEFENDER A VIDA DO POVO PORTUGUÊS

A guerra nuclear e atómica que se prepara intensamente pelos imperialistas através de pactos, bases e experiências constantes, paira como uma séria ameaça sobre o nosso País, pois Salazar teima em manter o País ligado à NATO, em vez de enveredar por uma política de neutralidade, a única que corresponde aos desejos e interesses do povo português.

Que o governo não desiste dos seus propósitos de preparação do País para a guerra é visível.

Prova o aumento das despesas militares proposto no Orçamento e Lei de Meios (mais 500 mil contos de que o que se havia previsto há um ano gastar com os compromissos militares internacionais) prova-o a vinda constante de dirigentes militares americanos e das suas esquadras ao nosso País a ponto de a própria imprensa diária já afirmar que Lisboa se transformou num ponto de abastecimento das esquadras americanas; prova-o as manobras constantes do exército e da marinha (3 semanas); prova-o ainda as visitas constantes de dirigentes militares portugueses às colónias (ainda recentemente o sub-secretário do Exército foi a Guiné).

E o envio de contingentes militares cada vez maiores para ali para, como sucedeu recentemente em Angola, serem utilizados para fins repressivos, é mais um facto a comprovar o carácter belicista da politica de Salazar que, podemos afirmar-lo, continuará surdo ao seu apêlo de liberdade e não hesitará em transformar Angola, Moçambique ou qualquer outra colónia numa nova Argélia.

lta exige que cada cidadão, homem, mulher e jovem tome bem a consciência do enorme perigo que paira sobre o futuro de cada um de nós e que desde já por todas as formas desde os protestos assinados ou não, individuais ou coletivos, até às inscrições nas paredes, muros, estradas, etc., proclame bem alto o seu desejo de Paz e de que não sigam mais tropas para as colônias.

Foi a luta do nosso povo que impediu que até hoje Salazar tenha

ido até ao ponto de como seria o seu desejo, chamar as tropas americanas para se instalarem aqui nas bases que ele coloca inteiramente à sua disposição.

É ainda porque conhece o desejo de paz do nosso povo que Salazar ordenou à censura que a imprensa não publicasse o telegrama de Washington de 19 de Julho em que se informava que ao Congresso dos Estados Unidos fôra solicitado a verba de 220.000 contos para melhoramentos a introduzir (por eles, americanos) na base das Lagens dos Açores, que lhe foi entregue pelo governo de Salazar.

E pelo mesmo motivo escondeu também ao nos o povo a noíçia de que na base do Montijo haviam descido, para abastecimento, as tropas paraquedistas belgas que seguiam para África para reprimir as manifestações dos povos do Congo, o que só prova o que atrás dissemos: — que Salazar apoia e incita à política de repressão dos povos coloniais que lutam pela sua independência.

O desejo de paz do nosso povo que tem sido expresso das mais variadas formas (na própria im-

TODOS OS CIDADÃOS COM DIREITO A VOTO
SE DEVEM RECENSEAR

Termina no dia 15 de Março o prazo para o recenseamento eleitoral que, em Lisboa e noutros locais onde houve recenseamento remodelações no número de freguesias, foi prolongado até 15 de Abril.

Porque se verificou toda uma série de irregularidades e falcatruas no recenseamento anterior (corte puro e simples das pessoas que se desconfiava serem contra Salazar) todos os cidadãos com direito a voto que tenham sido eliminados do recenseamento anterior e os outros que ainda não se recensearam devem fazê-lo sem demora e reclamar dentro do prazo que a lei estipula, um mês depois da inscrição, o certificado em como estão recenseados.

prensa diária como «Diário de Lisboa» e «Seculo» ele transpareceu claramente ainda há pouco quando do problema de Berlim) foi ainda recentemente reafirmado pela Academia das Ciências de Lisboa que publicamente manifestou contras experiências com armas atômicas e nucleares, atitude que representa um importante reforço à luta pela paz no nosso País.

Dado a importância deste organismo no meio intelectual é de crer e de esperar que a sua atitude desassombrada e humana leve outras associações intelectuais e de classe a apoiá-la, assim como que os intelectuais isoladamente ou em grupo lhe manifestem a sua solidariedade.

Isto só reforçará, como facilmente se compreende, a luta pela paz no nosso País.

O nosso povo deseja e luta para que tais experiências cessem de vez, para que Portugal saia da NATO e se proclame um País neutro.

As declarações públicas dos intelectuais seriam parte integrante e importante desta luta tal como o é já a da Academia das Ciências.

A proximidade das eleições para as juntas de freguesia torna ainda mais necessário tal recenseamento que abranje todos os chefes de família, homens e mulheres para este caso.

A criação de Comissões de recenseamento nas empresas, bairros, ruas, aldeias, escritórios, oficinas, fábricas, companhias etc., assim como a criação de postos de recenseamento, que ajudem os eleitores a inscrever-se, facilita muito as normas burocráticas. Porém, mesmo que tais comissões e postos não existam, cada cidadão, com direito a voto, pode e deve inscrever-se dirigindo-se, para isso, à Junta de Freguesia ou à sede do Bairro Administrativo.

Incitemos todos os nossos colegas, conhecidos e amigos a fazerem o mesmo e ajudemo-los caso a sua vida ou falta de prática nestes assuntos constituam dificuldades.

Convençamos cada cidadão da necessidade de se recensear, demonstrando-lhe que, não o fazendo, ele contribui, se bem que não quer, para permitir que Salazar pratique mais facilmente as burlas eleitorais em que é useiro e vezeiro. Se fizermos isto, teremos decerto removido um dos principais obstáculos ao recenseamento em massa de todos os cidadãos com direito a voto.

Os tubarões da C.P.P.(Olho de Boi) e as suas arbitrariedades

Só olham para os accionistas e quem deram em 1957 72500 por acção. A direcção não se importa com os seus empregados e os accionistas que não têm (olha o boi) desde o escritório a todas as secções, delirando-lhes as categorias para assim fugir ao cumprimento da lei e roubar-lhes os ordenados e salários. Tudo isto se faz com o conhecimento do INT. As accções de 80500 passaram para 280500 sem mais encargos para os accionistas. O capital de Companhia que era de 10 mil contos passou para 35 mil sem mais emissão nenhuma.

Parte do seu pessoal almoça num refeitório na maior indecência. O refeitório serve também de casa de vestuário com fatos pendurados nas paredes em toda a sua volta. Muitos trabalhadores penduram os fatos nas paredes imundas e nas retreles por falta de lugares no refeitório.

O transporte dos operários no rio é feito num reboque descoberto. No inverno os trabalhadores em dias de chuva torrencial chegam ao trabalho e regressam a casa encharcados até aos ossos.

Se lutardos unidos por aumento de salários, por promoções às categorias a que

terios, polipromove as categorias e que
tendes direito e por condições higiénicas
dignas da vida, conquistareis depresso
estas vossas aspirações.

Um operário do Olho de Boi.

**O POVO ESPANHOL
CONTRA FRANCO**

Depois da gloriosa jornada anti-franquista de 5 de Maio o povo espanhol não tem cessado de expressar o seu protesto contra a ditadura sangrenta de Franco que tem agravado duma maneira inaudita não só a situação das classes trabalhadoras como da pequena e média burguesia da cidade e do campo.

Por isto, as greves, e outras lutas aparecem todas elas impregnadas do mesmo espírito — o de oposição crescente contra a ditadura e a ansia cada vez maior de derrubá-la.

Impotente para impedir este crescente movimento de oposição contra o seu regime, Franco faz desabar sobre Espanha uma onda de terror dando assim sinais não de força, mas de fraqueza e isolamento das suas hostes.

As condenações de António Rosell (20 anos) Leoncio Peña (20 anos) e José Maria Laso (12 anos) e seus companheiros são uma prova justa de desespero de um regime condenado a desaparecer.

O povo espanhol que tão magníficas provas de combatividade e decisão tem dado lançou-se na luta para a revisão dos processos de António Rosell, Leoncio Peña e José María Laso e seus companheiros e, para a libertação imediata de todos os detidos recentemente sobre quem pesa o perigo de condenações monstruosas como Miguel Nuñez e Higinio Canqa.

O osso pingo que tem sentido na sua própria carne os horrores da sua repressão feroz da parte de Salazar, digno parecido de Franco não pode deixar de sentir o impulso humano, que o levará a solidarizar-se com esta luta de nobres fins do povo que mais uma vez tem erigido a sua voz para exigir a libertação de Alvaro Cunhal, Francisco Miguel, Manuel Rodrigues da Silva, Manuel Guedes e outros dignos lutadores anti-Salazaristas injusta e desumanamente condenados a longas penas por desejarem para o seu País um futuro em liberdade e Paz.

Por cartas, telefonemas, postais dirigidos à Embaixada de Espanha no nosso País (Estrada de Benfica n.º 39). Ao Adido de Imprensa (Av. A. A. de Aguiar 21-49-E, Lisboa) e ao Consulado de Espanha (R. do Salitre, 3) em que se reclamam a revisão daqueles iníquos processos a liberdade para os presos políticos, o nosso povo pode e deve ajudar o povo irmão nesta humana e justa e nobre luta, que é afinal uma luta comum ao povo português e ao povo espanhol.

TRIBUNA DO LEITOR

«Vivo na maior miséria do mundo!»

Truque universal com o qual, cheio de fome e miséria, com 45 filhos e me-
lhor a sustentar, sem ganhar uma jorna-
da, consegue ir à missa todos os dias. É
aquele que não posso ao viver, mas me
bem mal que mais mal não posso viver.
Roupa não há nenhuma. Algumas poucas
coisas que não dá para vender, mas que
trougo e não fui capaz de ganhar para
roular, nem para o pão eu ganho. A rou-
da das coisas são sacas velhas, e as vestiu-
ras são de algodão, mas não dá para ven-
tante mal, tenho um filho mesmo, que para
afarrançar umas saquinhos e dorme no chão,
e as outras três filhas mais novinhas dor-
mão em 5 pequenas numa cama de casal, e
não sei como isto lá de der. Saí e pou-
co são cochinhos e furei das empensas
para dormir, porque o ordenado de 15,00
não me dá só para o pão quanto mais para
o resto, mas sou o ganhante sempre que
vão 15 vezes.

Vivo na maior miséria do mundo. As casas que tenho as telhas estão quase a cair-me em cima, e não tenho dinheiro para comprar as casas que estão lá todas estroagadas, nem para a licença que as leis do Portugal são só destas. Podem estar as casas a cair que se não pagar uma licença não se podem amanharr.

Calem as costas e não se podem amanharr sem licença, esta é que é a situação em que me encontro a cheio de fome e miséria.

Um trabalhador rural do Alentejo

QUANTIAS RECEBIDAS DE AMIGOS DO PARTIDO

[illegible]

Façamos recuar a repressão

Salazar, como todos os déspotas fascistas que sentem aproximar-se a hora do ajuste de contas, caiu no delírio repressivo e passou a governar unicamente por métodos terroristas e policiais.

Os crimes e barbaridades que os assassinos da PIDE estão praticando contra os patriotas que lhes caem nas mãos, estão enchemo de indignação e horror a opinião pública nacional e internacional. Todas as pessoas dotadas de sentimentos humanitários, qualquer que seja o seu credo político ou religioso, sentem a maior repulsa pela forma como estão a ser tratados nos anos da PIDE pacíficos cidadãos portugueses.

Estão a ser barbaramente espancados e torturados pela polícia salazarista dezenas e dezenas de operários, camponeses, intelectuais, jovens estudantes, mulheres patriotas apenas por discordarem da política de Salazar ou até nem isso: apenas por reclamarem mais pão, melhores salários ou afirmarem simplesmente os seus desejos de Paz.

Aplicam-se torturas e suplicios que lembram os da Inquisição e dos campos de concentração nazis como as «estafas» de 10 dias, as torções dos testículos, os choques eléctricos, as longas privações do sono, as queimaduras e os potentes jorros de luz durante dias e dias sobre os olhos, os espancamentos selváticos, algumas vezes até a morte e outras barbaridades.

Ao mesmo tempo estão a passar diariamente pelos «tribunais plenarios» de Lisboa e Porto muitas dezenas de portugueses apenas por terem apoiado o candidato da oposição General Humberto Delgado ou participado nas greves de protesto contra a burla eleitoral.

No «tribunal plenário» do Porto são julgados em massa pescadores, mineiros, têxteis e outros trabalhadores por idênticos motivos. No julgamento dos pescadores de Matosinhos ficou demonstrada a falta de fundamento da acusação e a imoralidade das compensações dadas aos trabalhadores do mar que chegam a ganhar 20 vezes menos que os mestres de traineira, o que dava inteira justiça a sua luta.

No próximo mês de Abril serão julgados no «plenário» de Lisboa cerca de 100 habitantes de Couço em razão da heroica resistência do povo local contra as forças repressivas. Se-lo-ão igualmente cerca de meia centena de habitantes de Montemor-o-Novo por terem juntamente com o povo trabalhador da sua terra reclamado pão e trabalho às autoridades locais. Como se sabe foi no decurso desta acção, barbaramente reprimida pela GNR, que foi ceifado pelas balas das metralhadoras o trabalhador José Adelino dos Santos.

As condenações arbitrárias colocam em regime de prisão perpétua os patriotas presos. A Manuel Guedes, que há mais de um ano

terminara a injusta pena a que fora condenado foram agora prorrogadas por mais 3 anos as celeradas «medidas de segurança». A falta de qualquer pretexto, justificaram esta inqualificável arbitrariedade no facto deste patriota não ter família (!!!)

Salazar não contente com estes crimes está ainda submetendo povoações inteiras ao terror policial. Novos efectivos da GNR são chamados a reprimir as acções de protesto das populações rurais, estradas e caminhos são submetidos à vigilância dos esbirros policiais auxiliados por cães-policiais, os veículos são detidos nas estradas e até comboios cujos passageiros são revistados e identificados pela PIDE e a GNR.

Esta onda de repressão e de crimes pode ser travada se todos os portugueses erguerem as suas vozes de protesto e lutarem contra a política de Salazar.

O «Avante!» apela mais uma vez para todo o povo, para todas as pessoas de coração, para as autoridades que ainda não perderam os sentimentos humanos, para os altos dignitários da Igreja, para todos os que podem exercer a sua influência junto do governo para que façam ouvir os seus protestos.

Apelamos para os nossos colegas da imprensa legal, para os jornalistas de todo o mundo, para as organizações internacionais no sentido de tornarem conhecida a horrenda repressão que está tombando sobre o nosso povo e mobilizem a opinião pública contra os crimes de Salazar.

Protestemos por todas as formas contra a repressão salazarista!

Façamos chover sobre o governo acções de protesto do tipo contra os seus crimes e ilegalidades!

Escrevamos aos juizes dos tribunais plenarios de Lisboa e Porto responsabilizando-os pelas pesadas e injustas condenações que a PIDE lhes dita contra os patriotas!

Basta de terror e de perseguições! Arranquemos do poder o louco criminoso que está mergulhando o País na angústia e na repressão — o tirano Salazar!

OS POVOS DAS COLÓNIAS

LUTAM

A chegada a Moçambique do novo governador salazarista foi assinalada por acções de protesto e descontentamento, sobretudo em Lourenço Marques e na Beira onde foram distribuídos manifestos e feitas numerosas inscrições.

As autoridades salazaristas responderam a estas acções prendendo mais de 50 pessoas entre as quais o advogado Goês Carmo Vaz e o jornalista António Figueiredo, correspondente em Moçambique das revistas «Times» e «Life».

Durante a realização em Accra da Conferência dos Povos Africanos, milhares de habitantes do bairro indígena de Luanda (Mucueque) em Angola manifestaram-se nas ruas aos gritos «Estamos fartos de escravatura; queremos a independência imediata».

Também aqui as autoridades salazaristas reprimiram violentamente estas manifestações atirando o exército contra o povo, fazendo várias prisões, impondo o bloqueio do Mucueque de 3 dias, durante os quais os habitantes do bairro não foram autorizados a sair de lá.

O terror, a repressão eis as armas de que o governo lança mão para reprimir a luta libertadora dos povos das colónias que ele oprime e explora desumanamente.

Esta política não pode deixar de provocar o ódio dos povos coloniais contra os portugueses que vivem nas colónias o que põe em perigo a vida destes cidadãos. Quando dos recentes acontecimentos do Congo Belga, que foram mais uma manifestação de despertar dos povos africanos, tudo o que ali se passou com os portugueses lá residentes não foi mais do que uma consequência desta política terrorista de Salazar.

Estas lutas que os povos das colónias, de Angola e Moçambique, são uma continuação da já longa luta que os povos destas e outras colónias vêm travando contra a política imperialista de Salazar, pela sua independência.

ALTERANDO A CONSTITUIÇÃO

SALAZAR QUER SUPRIMIR O SUFRÁGIO DIRECTO

Foi decidido há pouco que a actual sessão da Assembleia Nacional tem poderes constituintes. Nada foi dito sobre os fins que se tinha em vista com a atribuição de tais poderes.

Entretanto Salazar nos seus discursos após as eleições deixou bem claro o seu desejo — que se retire ao povo o direito de eleger directamente os seus representantes como a actual Constituição estipula, direito que ele aliás tem espeznado com as burlas e falcaturas mais descaradas e com a repressão mais feroz

O nosso povo não pode consentir em tal. Escrevendo desde já cartas individuais e colectivas em nome de empresas, classes, agrupamentos à Assembleia Nacional, ao Presidente da República, ao governo, para manifestar o seu desacordo e protesto e comparecendo em massa nas sessões em que tal problema venha a ser discutido para apoiar, o povo combaterá mais esta manobra de Salazar.

O que visa Salazar com tal decisão?

Impedir que o povo possa alterar pelas vias constitucionais o actual regime, através de eleições.

As anteriores campanhas eleitorais tem-no desarticulado cada vez mais nacional e internacionalmente. Salazar não pode impedir já que no estrangeiro se pergunte como o faz o jornal «Estado de S. Paulo» em 15-6 em artigo de Santana Mota «Para onde cuida o «Mundo Livre» que se inclinará esse povo no dia em que as palhaçadas electorais, as metralhadoras, a censura e as prisões se revelarem impotentes para deter a sua ansia de liberdade e de desforra»?

Por tudo isto Salazar quer eliminar a Constituição suprimindo nela o sufrágio directo e instituindo o sufrágio orgânico que dá direito, apenas a uns tantos escolhidos, de eleger a Assembleia Nacional e o Presidente da República.

Aos pequenos e médios industriais Salazar, pela boca do seu ministro da Economia falou claro e sem piedade: ou produziam mais barato ou seria a ruína.

Salazar promete ainda o aumento dos impostos de mais 450 mil contos em 1959 (Orçamento e Lei de Meios). Esta promessa, podemos estar certos, ele a cumprirá e ultrapassará mesmo, numa média mais ou menos idêntica em que o vem fazendo há tantos anos, o total dos 5 milhões e meio de contos previstos para impostos e taxas no Orçamento (cerca de 75% das receitas ordinárias). Serão pois mais de 6 milhões de contos (as cobranças ultrapassam sempre as previsões em 10%) que serão arrancados através de impostos ao nosso povo. Isto só os que figuram no Orçamento. Se a estes juntarmos cerca de meio milhão de contos previstos para o Fundo do Desenvolvimento, cerca de 2 milhões de contos colectados pelas Câmaras e Juntas (a previsão para 1960,

O QUE SALAZAR PROMETE

últimos dados de que dispomos, foi de 1 milhão e 800 mil contos) e ainda mais de 6 milhões de contos a cobrar pelos organismos corporativos e de coordenação económica (para 1954 estava prevista a cobrança de 5 milhões e 800 mil contos) teremos um total de mais de 15 milhões de contos (cálculo por baixo e não por excesso, que serão arrancados ao nosso povo sob a forma de impostos em 1959).

Salazar promete o prosseguimento da sua política pro-ocidental com a continuação do País no sistema de trocas inter-europeias, no Acordo Monetário Internacional que veio substituir a U.E.P., que tantas dificuldades trouxe à já enferma economia portuguesa, cujas exportações foram proibidas (!) a certa altura (decreto 38.659 de Fevereiro de 1952) em consequência do aumento do déficit da nossa balança comercial com os países da U.E.P. Tal política é uma das principais causas de a nossa balança comercial apresentar nestes

últimos 5 anos um déficit de mais de 22 milhões de contos.

Salazar promete um II Plano de Fomento de dotações mais miseráveis ainda do que o primeiro. Na própria Assembleia Nacional se reconhecerá há pouco que são escassas as verbas para a marinha mercante, para a construção de estradas, para a indústria de pesca de Angola e para o fomento agrícola.

Salazar promete na Lei de Meios para 1959 aumentar por 3 milhões de contos as despesas com compromissos militares internacionais (NATO) que haviam sido fixadas inicialmente em 1 milhão e meio de contos! E todas estas promessas são das que não ficarão no papel.

O que tudo isto representa para o agravamento da situação de todo o povo, incluindo a pequena e média burguesia da cidade e do campo é fácil de calcular: alta do custo de vida, definitivamente ainda maior das actividades produtoras, ruína e miséria.

O POVO CHINÊS CONSTRÓI O SOCIALISMO A PASSOS LARGOS



Os êxitos conseguidos pelo povo chinês na construção da sociedade socialista ultrapassam nalguns aspectos em muito as próprias previsões dos planos estabelecidos. Assim em certos aspectos essenciais da produção os níveis previstos para 1962 foram não só alcançados como ultrapassados em 1958. Por exemplo no que respeita à produção de aço o plano previa, para 1962, 10.500.000 de toneladas. Pois já em 1958 foram produzidos 10.700.000 toneladas. O mesmo sucedeu com as máquinas de cortar metal (previsto para 1962—60.000) de que foram produzidas, em 1958, 80.000. Quanto à produção de cereais haviam sido previstos para 1962, 250 milhões de toneladas; foram produzidas, em 1958, 350 milhões de toneladas, isto é, mais 100.000.000 toneladas ou seja mais 40%, do que o previsto.

Ontem e hoje

Se quisermos fazer porém a comparação com os níveis de antes da Revolução chegamos ainda a números mais do que reveladores da enorme força que impulsiona o grande povo chinês na edificação do futuro feliz da sua Terra. Assim por exemplo a extração de petróleo aumentou 10 vezes e a de carvão 6 vezes desde a Revolução popular chinesa (1949).

Estes ritmos jamais atingidos em qualquer país capitalista (mesmo tendo em conta as proporções da população) são ainda mais expressivos no que se refere a superfície irrigada que aumentou de Outubro de 1957 a Julho de 1958 de 28 milhões de hectares num total de 63 milhões de hectares (que é o total da superfície de terra irrigada na China).

Esta produção crescente de bens materiais traduz-se num elevamento constante do nível de vida do

povo chinês, no aspecto material, cultural e espiritual.

As comunas populares

Elas foram criadas para acelerar o ritmo de construção socialista e ajudar à realização de 2 transformações essenciais — a passagem da propriedade colectiva (cooperativas de produção) à propriedade de todo o povo e a passagem da sociedade socialista à sociedade comunista.

Evidentemente que como o sublinha a resolução do Comité Central de 10 de Dezembro de 1958 do Partido Comunista Chinês, a edificação duma sociedade socialista com uma indústria altamente desenvolvida e uma agricultura e ciência igualmente desenvolvidas, mesmo avançando muito depressa, levará ainda algum tempo, nas condições concretas da China — 15,20 anos ou mesmo mais.

Mas o que são as Comunas populares sobre as quais a imprensa salazarista tanto tem escrito e cujo fracasso até já anunciou?

Tendo necessariamente de dar aos nossos leitores uma ideia resumida, podemos entretanto afirmar que se trata de um novo organismo social aparecido em 1958, no campo. Para melhor se compreender o seu aparecimento diremos que em 1958 havia no campo 750.000 cooperativas socialistas e que as necessidades surgidas do desenvolvimento de produção, e do aumento de industrialização das zonas rurais colocava o problema da fusão das cooperativas numa nova forma de organização. Essa forma foi a Comuna popular. O movimento para a formação das Comunas populares desenvolveu-se de tal maneira que no verão de 1958 mais de 740.000 cooperativas agrícolas de produção se haviam fundido em 26.000 Comunas populares que englobavam 120 milhões de famílias

ou seja 99%, das famílias camponesas da China.

As Comunas combinam numa única organização os assuntos da agricultura, indústria, cultura, questões políticas, administrativas e militares, etc. As antigas câmaras municipais ingressaram nos conselhos administrativos das Comunas.

A Comuna abre o caminho para a industrialização gradual das regiões rurais e portanto para diminuir a diferença entre a cidade e o campo.

Os ganhos dos membros das Comunas são de duas espécies: uma parte (cerca de metade) provém do pagamento «a cada um segundo o seu trabalho» (princípio socialista) e a outra parte é paga «a cada um segundo as suas necessidades». Comida, cuidados médicos, etc., são já gratuitos em muitas Comunas.

Dada as diferentes condições das

regiões urbanas onde já está assegurada a propriedade socialista para todo o povo dos meios de produção onde, particularmente entre os intelectuais, subsistem vestígios de ideologia burguesa, que se leve a olhar com dúvidas e apreensão as Comunas, a resolução do Partido Comunista Chinês de 10 de Dezembro estabelece «*não devemos ser apressados a criar Comunas em grande escala nas cidades, antes que os cépticos não estejam convencidos*». Permite a enorme importância deste grande passo dado em frente pelo povo chinês a reacção em todo o mundo e os salazaristas no nosso país não fazem para diminuir o seu alarido e apagar os seus reflexos no coração do nosso povo que segue rom carinhoso e interesse os êxitos e as vitórias do povo chinês na conquista da felicidade e do bem-estar.

SAUDAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS AO XXI CONGRESSO DO P.C.U.S.

(Extractos)

Comité Central do Partido Comunista Português, em nome de todo o Partido e certo de exprimir os sentimentos da classe operária e de todas as pessoas progressistas de Portugal, saúda calorosamente o XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética.

Os trabalhadores portugueses, que sob a pressão do governo fascista de Salazar vêm aumentando o desemprego, a exploração e a pauperização, têm os olhos fixos no XXI Congresso e no plano septenal de desenvolvimento da economia nacional da URSS para o período de 1959-1965. A União Soviética que abriu aos povos o caminho da libertação e do socialismo, conquistou o primeiro lugar no mundo no domínio social, da ciência e da técnica. O recente lançamento do planeta artificial, novo e grandioso êxito dos cientistas, dos técnicos e de todo o povo soviético encheu de alegria toda a humanidade amante da paz e do progresso. A conquista pela União Soviética do primeiro lugar no mundo no volume da produção absoluta e por habitante, abriu perspectivas grandiosas na edificação do comunismo na URSS, marcará uma nova etapa histórica para toda a humanidade, contribuirá decisivamente para reforçar o campo do socialismo e das forças da paz, para barrar o caminho à guerra e iluminar a todos os povos os caminhos do socialismo.

A consequente política da URSS, da China e dos outros países do campo socialista, no sentido de salvaguardar a paz, encontram crescente simpatia e apoio de todos os povos, enquanto a política aventureira e de guerra do imperialismo, a que Salazar está enfileirado, porque esbarra com a vontade e os anseios dos povos, cai cada vez mais no isolamento.

As provocações e calúnias do imperialismo, o golpe contra-revolucionário na Hungria, os esforços dos revisionistas do marxismo-leninismo encabeçados pelos dirigentes da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, visando dividir o movimento comunista internacional e os Partidos Comunistas de cada país, não

conseguiram impedir o fortalecimento do campo do socialismo, o fortalecimento e coesão do movimento comunista internacional, encabeçado pelo Grande Partido Comunista da União Soviética.

A consequente luta do povo de Portugal, que se esforça por solucionar por meios pacíficos o problema político português, com o Partido Comunista e a classe operária à frente, tem abatido profundamente a camuflagem fascista de Salazar, que está hoje em franca decomposição.

A intensificação da repressão e do terrorismo, único meio que Salazar ainda encontra para se manter no poder é mais uma manifestação da debilidade salazarista. Só no ano de 1958, milhares de patriotas portugueses passaram pelas prisões salazaristas, alguns deles foram torturados e assassinados pela gestapo de Salazar, outros encontram-se presos há já 10 anos, apesar de já muito terem cumprido a pena a que foram condenados, como são os casos de Álvaro Cunhal, Francisco Miguel, membros do Comité Central do Partido Comunista Português.

Nada, nem mesmo a furiosa repressão salazarista, impedirá que o povo português se liberte do domínio da tirania salazarista.

Os exemplos do Partido Comunista da União Soviética, inspirador das vitórias do povo soviético e organizador da sua marcha triunfal para o comunismo, inspiram os comunistas, a classe operária, os trabalhadores e a intelectualidade progressista de Portugal, na sua luta em defesa da Paz, da democracia e da independência nacional.

O Partido Comunista Português que luta abnegadamente para unificar a acção das forças democráticas e anti-salazaristas, saúda calorosamente o XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética, desejando ardentemente que o povo soviético registre novos êxitos na construção do comunismo.

Viva o Partido Comunista da União Soviética, guia e inspirador do povo soviético!

Viva a Paz em todo o mundo!

O Comité Central do Partido Comunista Português

AUMENTO GERAL DE SALÁRIOS

(continuação da 1.ª pág.)

lutas recentemente travadas, particularmente às greves da classe operária, greves que ele recebeu vir alastrado do ambiente de descontentamento que crescia entre o funcionalismo.

Por isso temos repetido que é pela luta e só pela luta que os trabalhadores conquistarão melhores salários, jornadas e ordenados.

As vitórias recentemente alcançadas pelos operários da SHCIL (SETUBAL), pelos estivadores de LEIXÕES e PORTO pelos empregados dos transportes colectivos do PORTO e outros só confirmam tal afirmação e ao mesmo tempo, provam que é absolutamente possível conquistar tal aumento.

Pela revisão dos Contratos Colectivos

A experiência das lutas travadas indica porém que a luta por aumento de salários e outras trouxeram mais rapidamente a vitória aos trabalhadores sempre que estes souberam aliar a luta junto do patronato com a luta junto dos Sindicatos, Casas do Povo, Casas dos Pescadores e autoridades.

É possível como a experiência o indica, também, levar os Sindicatos, as Casas do Povo e dos Pescado-

res, as suas direcções, por pressão dos trabalhadores, a defender os interesses destes, assim como utilizar aqueles organismos para aliar e discutir seus problemas. Isto que tem sido feito por algumas classes pode e deve ser feito por todos os trabalhadores.

A luta pela revisão dos contratos colectivos onde são fixados os salários mínimos das classes, luta que tem sido travada com êxito e está sendo por algumas classes pode e deve alargar-se a todas as classes trabalhadoras.

A eleição entre os trabalhadores de Comissão de Unidade de empresa, sindicatos, de praças de jornas, de classe etc. amplas compostas de homens, mulheres e jovens decididos e combativos; as concentrações nas empresas, sindicatos, praças de jorna, casas do povo, casas dos pescadores, junto de autoridades salazaristas, a «cerra» (redução da produção), a greve de curta ou longa duração, são as formas de organização e de acção a que a classe operária, os empregados, os trabalhadores têm recorrido com êxito nas suas lutas por aumento de salários e às quais deve continuar a recorrer até conseguir a vitória — aumento geral de salários, jornadas e ordenados de acordo com o aumento do custo de vida.